



A ALEGRIA DO MAU FILME BRASILEIRO

Publicado em *Movimento*, São Paulo, 1 setembro de 1975.

Em seus debates sobre cinema, a universidade cuida, também, dos filmes brasileiros maus, e ao que tudo indica ela está certa. A abordagem de nosso cinema com preocupações essencialmente artísticas nunca foi possível: o nível de nossa crítica estética coincide com o do cinema brasileiro tomado em bloco. É preciso acrescentar que mesmo praticado com inteligência e eficácia, o critério discriminatório qualitativo não teria adiantado. É precisamente examinado em bloco, eventualmente com humor mas sem preconceito, que o cinema brasileiro poderá ser destrinchado, compreendido e amado.

Um filme brasileiro inteiramente ruim é tão pouco freqüente quanto um inteiramente bom. *Pensionato de mulheres* apareceu como um sério candidato à primeira categoria, e foi encarado assim pela Universidade (Escola de Comunicações e Artes, USP), pelo menos de início. Foi examinado de forma pomenorizada e não houve a menor dúvida a respeito de tudo aquilo que tinha de mau: construção (estórias acumuladas); direção-interpretação (conseguiram fazer de Rutinéia de Moraes, para quem não a conhece, uma má atriz); e aí por diante, inclusive a maquilagem (uma senhora madura com problemas vira plasticamente um dragão). Pois é. Mas como *Pensionato de mulheres* estava sendo examinado de perto por uma equipe numerosa, acabou sendo reconhecido o interesse de algumas passagens relativas a um ladrão. A própria introdução do filme, que parecera tão débil e absurda quanto à estrutura do filme como um todo, acabou recebendo alguma justificativa. Mais uma vez constatou-se que não é difícil começar um filme ou qualquer outra narrativa ou coisa: o diabo é continuar. Confirmou-se também, é claro, como também aqui é irrisória a denominação de pornochanchada que a imprensa aplica automaticamente a boa parte de nossa produção. Se os responsáveis por *Pensionato de mulheres* tiveram intenções pornográficas ou pretensões eróticas, ambas não ultrapassaram o estágio de intenção. E a pretensa chanchada é, na realidade, um dramalhão.

Em suma, emana da análise de um mau filme brasileiro uma alegria de entendimento que o consumo da Arte de um Bergman, por exemplo, não proporciona a um espectador brasileiro.

